

FSP
9/11/97 3-6
270

AMAZÔNIA Diretor-geral da WWF diz que Brasil precisa promover ação rápida para evitar desmatamento na floresta

País tem de conter madeireira, diz ecologista

MARCOS PIVETTA
da Reportagem Local

Diretor-geral da rede mundial de entidades ambientais mantida pelo WWF (Fundo Mundial para a Natureza), o suíço Claude Martin, 52, disse que o Brasil precisa controlar rapidamente a atuação das madeireiras estrangeiras, sobretudo asiáticas, na Amazônia.

Segundo Martin, doutor em ecologia pela Universidade de Zurique, essas empresas "limpam a floresta e desaparecem". Ele visitou o país pela primeira vez na semana passada e teve uma audiência com o presidente Fernando Henrique na última quarta-feira.

Entre outros assuntos, eles discutiram a questão das madeireiras asiáticas e os resultados de um estudo global, recém-divulgado pelo WWF, que aponta o Brasil como o país que desmata anualmente a maior área de floresta no mundo.

Leia abaixo trechos da entrevista concedida por Martin à Folha.

Folha - O senhor acha que o governo brasileiro está fazendo algo para barrar a entrada ou pelo menos regular a atuação das madeireiras asiáticas na Amazônia?

Claude Martin - Eu falei desse problema com o presidente e ele se mostrou um pouco surpreso com a atuação de madeireiras estrangeiras no Brasil. Ele disse que o Brasil tem tempo para colocar esse problema sob controle. Mas talvez não haja tanto tempo assim. Eu conheço essa questão (das madeireiras) no mundo. A atuação delas se tornou um problema real apenas nos últimos anos. Elas exploraram madeira na Malásia e Indonésia e agora estão se expandindo pela África e América do Sul. Essas pessoas (madeireiros) são espertas.

Folha - O que o senhor quer dizer com isso?

Martin - Elas (as madeireiras) compram uma madeireira brasileira e a colocam em outro nome, às vezes no de outro estrangeiro ou mesmo de brasileiros. O que vimos na África — e eu não estou dizendo que o Brasil é a África — não parece muito animador.

Folha - Qual o poder de destruição dessas madeireiras?

Martin - Algumas dessas empresas fazem um trabalho muito rápido. Elas limpam a floresta e desaparecem. Elas têm muita mobilidade. Mudam de país para país e é difícil fazer acordos com elas. Não são só as asiáticas. Há outras madeireiras transnacionais com origem em outros locais, como na Europa, que não seguem métodos de exploração sustentável da floresta. Eu não sei se o governo brasileiro tem meios legais de simplesmente impedir a entrada dessas madeireiras no país. Os responsáveis pelo controle de operações na floresta devem ficar com os olhos abertos para elas. Se alguém no governo (brasileiro) disser que a situação está sob controle, gostaria de saber como é feito esse controle.

Folha - O WWF divulgou um estudo mostrando que, nos últimos 6.000 anos, dois terços das florestas do mundo foram desmatadas e que, neste momento, o Brasil é o campeão do desmatamento. O dado foi contestado pelo governo brasileiro. O que o senhor tem a dizer sobre isso?

Martin - O relatório dizia que a velocidade de desmatamento no Brasil é atualmente a maior do mundo em termos absolutos. Ou seja, o Brasil é hoje o país que anualmente destrói a maior área de floresta tropical, cerca de 30 mil km², metade dos quais na Amazônia e outra metade no cerrado e mata atlântica. Como o Brasil tem mais florestas do que os outros países, ele não é o que mais desmata em termos relativos (se for calculada uma porcentagem de desmatamento comparando a área de floresta destruída anualmente com a que resta intacta). Levando em conta todas as florestas tropicais do globo, a taxa anual de desmatamento é de 170 mil km². O Brasil responde por algo entre um quinto ou um sexto do que é desmatado. Não podemos esquecer que o desmatamento na Amazônia abre caminho para que possam ocorrer incêndios florestais, como os da Indonésia. Independentemente de gostarem ou não disso, estamos preocupados com o desmatamento no Brasil.

Fábio Vaz de Lima, secretário-executivo do GTA (Grupo de Trabalho Amazônico), que representa outras 355 ONGs no PPG7, prega a quebra de tabus e defende nova formas de se proteger a floresta.

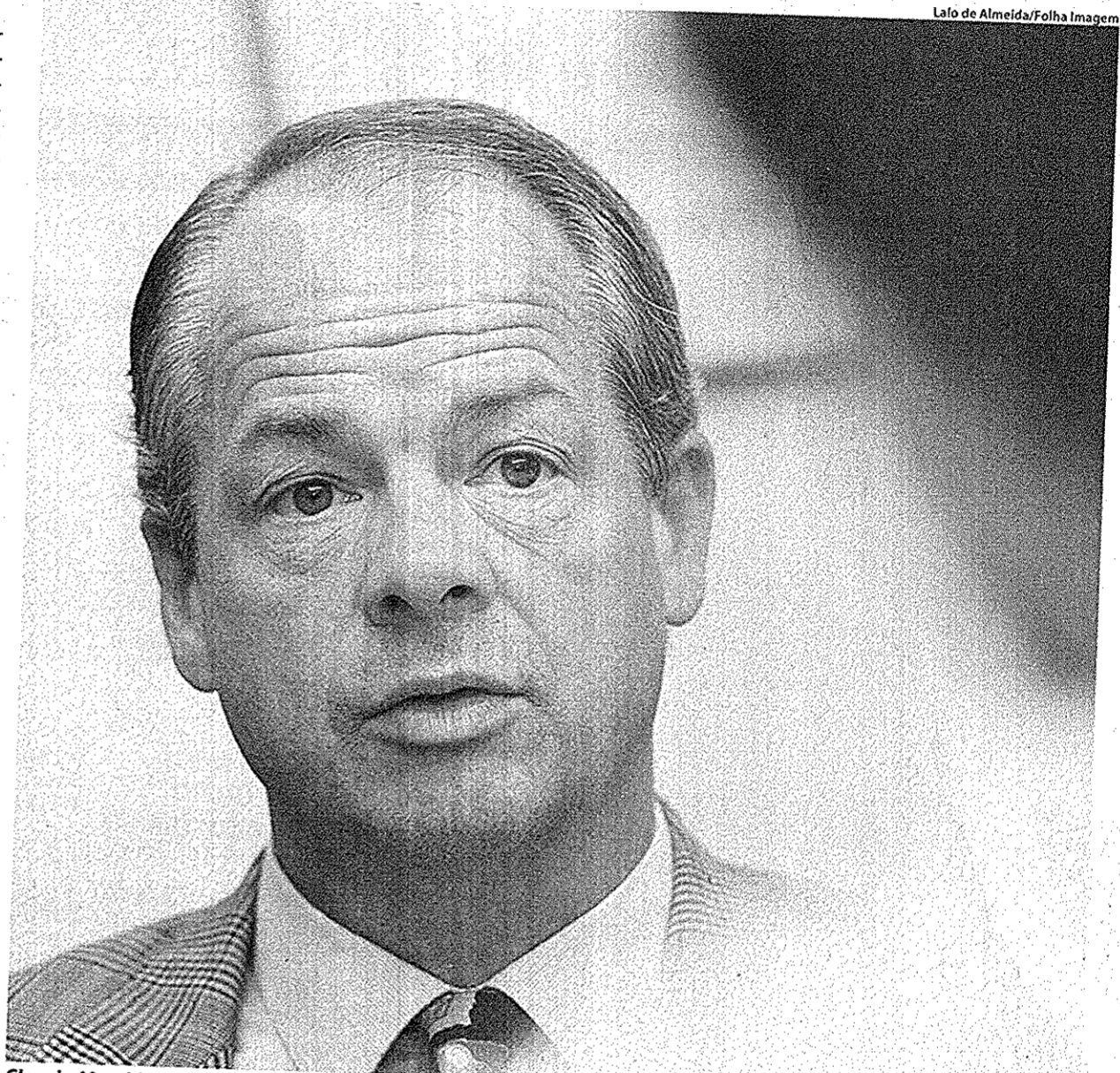
Um exemplo. Para Lima, a exploração de madeira na Amazônia pode não ser um pecado. Ao contrário. Controlada, é uma forma de proteger a Amazônia.

"A madeira tem grande valor e pode ser comercializada com responsabilidade técnica", afirma ele.

Outro exemplo. Os estudos do governo e das ONGs sobre as queimadas na região são apenas estimativas. Ninguém sabe, de fato, o que está queimando e quem são os responsáveis. A seguir, os principais trechos da entrevista à Folha.

Folha - A reunião do PPG7 foi satisfatória?

Fábio Vaz de Lima - Não foi satisfatória.



Claude Martin, diretor-geral da rede de entidades ambientais mantida pelo Fundo Mundial para a Natureza

Perfil do WWF

- **Nome:** World Wildlife Fund (Fundo Mundial para a Natureza)
- **Fundação:** 1961
- **Orçamento anual:** US\$ 293 milhões
- **Número de afiliados:** 4,7 milhões de pessoas no mundo
- **Atuação no mundo:** presente em mais de cem países
- **Atuação no Brasil:** desde a década de 70, investindo atualmente cerca de US\$ 5 milhões por ano em 30 projetos ambientais, como o da preservação do mico-leão-dourado na reserva de Poço das Antas, no Rio de Janeiro
- **O que faz:** financia e dá suporte técnico para projetos de preservação e educação ambiental, ecoturismo e desenvolvimento sustentável em todo o mundo
- **Principais objetivos no mundo:** proteger os 217 ecossistemas mais importantes do globo em termos de biodiversidade, manter espécies ameaçadas em cada país e mudar os padrões de uso e consumo de recursos naturais (exploração de madeira, recursos pesqueiros e combustíveis fósseis)

Ativista defende corte de madeira

ALTINO MACHADO
da Agência Folha, em Manaus

LUCAS FIGUEIREDO
enviado especial a Manaus

Reunidos em Manaus há 15 dias, os participantes brasileiros e estrangeiros do PPG7 (Programa para a Proteção das Florestas Tropicais do Brasil, bancado pelos países "ricos") foram pressionados por um ativista ambiental radical.

Fábio Vaz de Lima, secretário-executivo do GTA (Grupo de Trabalho Amazônico), que representa outras 355 ONGs no PPG7, prega a quebra de tabus e defende nova formas de se proteger a floresta.

Um exemplo. Para Lima, a exploração de madeira na Amazônia pode não ser um pecado. Ao contrário. Controlada, é uma forma de proteger a Amazônia.

"A madeira tem grande valor e pode ser comercializada com responsabilidade técnica", afirma ele.

Outro exemplo. Os estudos do governo e das ONGs sobre as queimadas na região são apenas estimativas. Ninguém sabe, de fato, o que está queimando e quem são os responsáveis. A seguir, os principais trechos da entrevista à Folha.

Folha - A reunião do PPG7 foi satisfatória?

Fábio Vaz de Lima - Não foi satisfatória.

fatória o suficiente. Esperávamos uma oportunidade melhor para poder avaliar o programa e também uma certa disposição dos países-doadores em cooperar com mais recursos para a região (as doações anunciadas em Manaus somaram US\$ 43 milhões, contra US\$ 90 milhões reivindicados pelo governo e pelo Banco Mundial).

Folha - Qual o resultado final?

Lima - O governo brasileiro e os doadores buscam mostrar que o pouco que foi aplicado está dando bons resultados. O importante a ser destacado é que os resultados positivos do PPG7 decorrem de projetos que contam com participação social, que são os projetos das reservas extrativistas, demarcação de terras indígenas etc.

O programa andou por causa da participação social. No entanto, foi tímida a posição do governo em relação às pressões por mais recursos dos países-doadores.

Folha - Em um desses projetos, os seringueiros sinalizam com a disposição de competir no mercado internacional de madeira tropical. Isso não representa um enorme risco?

Lima - É um risco, mas é bem menos arriscado que convertê-los em agricultores ou mão-de-obra de subempregos nas cidades. Isso é fruto da crise da borracha, que já dura pelo menos 50 anos. A Zona

Franca de Manaus, que marca outra etapa do desenvolvimento regional, está em estado lastimável.

Para que a gente possa fazer com que a Amazônia tenha desenvolvimento, a tendência é tornar a floresta lucrativa. O projeto dos seringueiros vai mostrar que a madeira tem grande valor e pode ser comercializada com responsabilidade técnica. Isso é menos arriscado que outras tentativas do governo, como o plantio de soja e eucalipto na região.

Folha - O presidente do Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis), Eduardo Martins, responsabilizou os pequenos produtores da Amazônia por 40% dos desmatamentos na região. Por que as ONGs foram tão vigorosas em contestar essa posição?

Lima - Todas as pesquisas nesse campo são apenas indicadores e necessitam de longos anos de estudos. Os dados do governo e das ONGs são muito precários, são apenas estimativas. Eduardo prestou um desserviço. Culpar os pequenos ajuda a criar uma consciência contrária à luta ambiental na região. O que transparece é que os ambientalistas são contra os agricultores se desenvolverem.

Folha - O governo conseguiu sensibilizar os países-doadores sobre os resultados da política ambiental

brasileira?

Lima - A política ambiental do governo é marginal dentro do próprio governo. O que toca o governo é a área econômica em busca de investimentos que não abordam o desenvolvimento sustentável. Mas é importante reconhecer o esforço dentro da área ambiental do governo. Os documentos com as diretrizes elaborados pelo setor trazem elementos inovadores, capazes de dar novo rumo à Amazônia.

Folha - As ONGs ligadas à defesa da mata atlântica reclamaram que a Amazônia é privilegiada dentro do governo.

Lima - O privilégio é que a Amazônia conta com uma secretaria que coordena interesses da região. Quanto aos recursos, a Amazônia não é privilegiada. Dos R\$ 80 milhões do Fundo Nacional de Meio Ambiente, a maior parte será distribuída para a região Sul.

Raio X

- **Nome:** Fábio Vaz de Lima
- **Idade:** 33 anos
- **Formação:** Técnico agrícola
- **Carreira:** Trabalhou como técnico agrícola da Secretaria de Desenvolvimento Agrário do Estado do Acre e foi assessor de "Ação pela Cidadania" na administração do ex-prefeito da cidade de Rio Branco Jorge Viana (PT)

Governo diz fiscalizar madeireiras

da Reportagem Local

O governo brasileiro diz que está de olho na ação das madeireiras estrangeiras na Amazônia e contesta o título de campeão mundial do desmatamento, argumentando que os dados utilizados pelo WWF em seu estudo não são confiáveis.

Eduardo Martins, presidente do Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis), afirma conhecer "oito empresas brasileiras, com capital estrangeiro" cortando madeira na região amazônica.

Ele admite que a "folha corrida dessas empresas (as madeireiras estrangeiras) não é boa", mas diz que está "fazendo o máximo esforço possível para controlá-las, inclusive com multas".

O Ibama calcula que, até o final

deste ano, terá apreendido 600 mil m³ de madeira retirada de forma irregular da floresta — quantidade cinco vezes maior do que a confiscada em 96. Ex-membro do WWF, Martins afirma que 80% da madeira cortada na Amazônia é retirada de forma ilegal.

Sobre o título de campeão do desmatamento, Martins diz que o WWF "fez comparações erradas", usando dados de satélites meteorológicos que não são adequados para medir com precisão o tamanho do desmatamento.

Além disso, ele afirma que não é justo usar a taxa absoluta de desmatamento (total de área desmatada), como fez o WWF, em vez da taxa relativa de destruição da floresta (porcentagem de área desmatada em relação à quantidade de floresta ainda intacta). (MP)